

CONSTRUINDO A DOCÊNCIA: DO MATERNO AO PROFISSIONAL – A IDENTIDADE DA EDUCADORA ATUANTE EM CRECHE

Renata Glória Cunha¹; Francine de Paulo Martins²; Iára Guadalupe Garcia³;

Estudante do Curso de Pedagogia; renata.gloria@hotmail.com¹

Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; francine@umc.br²

Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; ialucia@uol.com.br³

Área do Conhecimento: Educação

Palavras-chaves: Docência; educar-cuidar, Profissionalização, identidade profissional.

INTRODUÇÃO

A LDB/96 reconhece inovadoramente a educação infantil como parte da educação básica brasileira, retirando assim, a creche da tutela da Assistência Social. A partir deste fato, a Prefeitura de São Paulo, abriu processo de formação continuada em nível de magistério para os profissionais de sua rede de creches, e contratou milhares de profissionais já com formação mínima em magistério. Este cenário provoca algumas indagações que fomentam o campo de pesquisa em educação com relação à profissionalização das educadoras atuantes em creche. Segundo Ludke (2004, p.1162), “a profissão é um conjunto de saberes específicos que estão ligados a uma prática laboral que possibilita o exercício de uma função profissional”. Para Formosinho (2005, p.134) a profissionalidade é este conjunto de saberes, articulados que dizem respeito à “ação profissional integrada que a pessoa da educadora desenvolve junto das crianças e famílias com base nos seus conhecimentos, competências e sentimentos, assumindo a dimensão moral da profissão”. A compreensão deste processo identitário, concentra-se na relação tríplice entre criança-instituição-educadora, cujo contexto permitiu a realização dessa pesquisa.

OBJETIVO

O objetivo da presente pesquisa foi investigar o processo de construção de identidade profissional das educadoras atuantes em creche, buscando verificar como este caminho está sendo construído a partir da LDB/96, enquanto, área de atuação docente.

METODOLOGIA

Por se tratar de um estudo em educação, apoiamo-nos na abordagem qualitativa de pesquisa, uma vez, que esta apresenta um caráter dialógico, o que viabiliza uma imersão, compreensão e interligação dos dados apresentados com o contexto social que os cercam. (TRIVIÑOS, 1987). Portanto, utilizamos o estudo de caso como opção metodológica deste trabalho, tendo como sujeitos da pesquisa profissionais atuantes em uma creche da Prefeitura Municipal de São Paulo. Para que pudéssemos fazer a coleta dos dados que fundamentam o presente estudo, foi construído um questionário, que atendia a uma lógica estrutural que foi dimensionada em dois eixos centrais: o primeiro, caracterizado pelo perfil pessoal e profissional das educadoras, constituído por 12 questões fechadas e o segundo, pelo nível de profissionalidade e o reconhecimento de si enquanto protagonista tanto do processo de construção da identidade da educação infantil brasileira, como de sua própria identidade profissional, formado por onze questões abertas e semi-abertas. Vale destacar, que o questionário foi entregue a 34

participantes e apenas 21 fizeram sua devolutiva. De posse dos questionários respondidos, foram estabelecidas as estratégias para tratamento dos dados. Para os referentes às questões fechadas, foram construídos quadros demonstrativos com base em frequência percentual, e para os dados relacionados às questões abertas e semi-abertas, estruturamos quadros demonstrativos a partir da construção de categorias de análise que foram tratadas sob a luz da análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977), este procedimento, permite ao pesquisador, ir além do discurso aparente, que invariavelmente ao ser produzido, traz consigo diferentes sentidos, que precisam ser desvelados. Optamos em alguns casos, por explicitar as respostas de forma coletiva e quando necessário, retomamos o caráter individual para registrar as análises dos dados coletados, atribuindo nomes fictícios às participantes.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

Os dados revelaram que 100% das educadoras, são do sexo feminino, com idade entre 45 e 55, seguidas por 19% que estão entre 35 e 45, a maioria, 57% declararam ser casada, seguida de 14% que declararam viver em situação marital. Com relação à experiência profissional anterior ao ingresso em creches, os dados demonstraram que 29,5 % das educadoras desenvolviam atividades ligadas ao âmbito doméstico em sua própria casa ou como empregada doméstica, os dados referentes à experiência profissional em algum campo da educação, somaram 20 %. Cerca de 67% das educadoras, ingressaram na rede de creches entre as décadas de 80 e 90, seguidas de 33% que ingressaram a partir de 2004. Verificamos ainda, que 57% das profissionais, tinham como formação escolar apenas o ensino fundamental, já que até a década de 80 para o cargo de Pajem era necessário ser apenas alfabetizada, no momento posterior marcado pela década de 90, o cargo de Pajem deu lugar ao de Auxiliar de Desenvolvimento Infantil, que tinha como exigência o ensino médio. As educadoras são mulheres que desenvolvem sua prática profissional em uma instituição que transita entre o público e o espaço doméstico, em uma profissão que guarda o traço da ambigüidade entre a função materna e a função docente. (Cerisara, 2002). Considera-se assim, que se trata de uma profissão que tem se fundamentado no binômio, feminino-materno, a estreita ligação entre os cuidados que a instituição creche dispensa às crianças pequenas pela faixa etária e característica do atendimento – troca de fraldas, alimentação, banho, higienização, fazer dormir, permanência em horário maior o que o das pré-escolas – e os dispensados no ambiente do lar, unidos à temática da socialização da mulher na sociedade faz com que o conjunto creche-profissionais e profissão-crianças sejam também marcados pelo ranço da segmentação. O sentido produzido pelo discurso das educadoras é o de uma substancial e inovadora centralidade na criança e nas demandas que se colocam quando o assunto é sua educação e o cuidado dispensado institucionalmente a ela, superando, pelo menos de forma aparente as questões vinculadas ao direito social de assistência à família e à mulher trabalhadora e que culminavam no atendimento assistencial à criança como política compensatória. Cerca de 27%, reconhecem a passagem da creche para o sistema de ensino como algo que vem valoriza a importância da educação infantil. Existe uma valorização significativa da creche enquanto espaço de protagonismo infantil e o “olhar” de que o processo de transição viabilizou esta valorização tanto da educadora que atua nesta instituição quanto da criança, da própria instituição, das práticas pedagógicas e de cuidados desenvolvidos naquele cenário, já que 23% das participantes, acreditam que esta ação possibilitou uma valorização profissional e reconhecimento do trabalho que historicamente vem sendo desenvolvido em creches, caracterizado ainda, por cerca de 18% como um salto qualitativo para a relação instituição-comunidade. Analisando os

dados referentes à visão acerca do que a educadora da creche deve saber fazer no cotidiano dentro da instituição, verificamos que 28% das educadoras, apontaram saberes atrelados às características pessoais, tais como paciência, docilidade, carisma, ainda muitas vezes ligadas às características da pajem, que por sua vez tinha a “santa” missão de cuidar da criança enquanto a mãe não podia fazer isso e que na grande maioria das vezes, abria mão de assistir seus próprios filhos para cuidar dos filhos de outras mulheres, num misto de santidade e resignação. As questões da natureza do trabalho, do conjunto de saberes necessários, das especificidades apresentadas pelas crianças pequenas, da relação com a família e inclusive a história que a instituição e a criança pequena trazem consigo, exigem diferentes saberes que, todavia não podem estar locados no conjunto apreendidos na socialização feminina e muito menos os saberes peculiares aos outros níveis educacionais. Neste sentido, mais central e diretivo, é urgente a construção de um “novo olhar” tanto de tratamento pedagógico como aqueles relacionados a formatos e conteúdos dos programas de formação inicial e continuada. Muito embora as educadoras reconheçam as mudanças que o seu campo de atuação vem sofrendo ao longo dos últimos anos, nos parece bastante claro que ainda não conseguem assumir-se enquanto protagonistas deste processo, fato que se dá pela concentração dos saberes profissionais permanecerem ligados ao âmbito doméstico e quando não o tentam fundamentar naquilo que socialmente se convencionou chamar de escola.

CONCLUSÕES

A atividade docente voltada para o universo da educação da criança pequena no Brasil se encontra, ainda, em estado embrionário e a integração da creche e de todo o seu contexto no sistema de ensino do País vem carregada de outras tantas questões que não podem ser reduzidas apenas àquela que a Lei direciona. O ingresso da criança de zero a três anos de idade na perspectiva educacional implica a profissionalidade e a identidade do docente que atua nesse setor. A história da instituição e a sua origem, bem como a faixa etária da clientela atendida, aliada às necessidades educacionais, biológicas e alimentares que a criança pequena apresenta, sem dúvida alguma, exercem uma grande influência neste caminhar, é o que diferencia em grande medida a evolução desta profissão e a faz distinta das outras áreas da docência no Brasil. A educação escolar, seja ela em nível superior, seja na educação infantil, se dá por uma proposta de ação, por sucessivas reflexões e por instrumentos que intencionem avaliar o processo. No ambiente doméstico, este ato se dá de maneira natural, intuitiva, sem intenção e sem sistematização. As marcas que a história produziu nesse campo tanto do ponto de vista pessoal quanto profissional, atreladas às questões de gênero e à valorização do magistério, colaboraram para que atualmente, essas demandas ligadas ao novo cenário enfrentem muitas resistências para serem tratadas e internalizadas pelas professoras atuantes em creches, fatos que colaboram para que as professoras não se percebam enquanto protagonistas da educação infantil. A questão da profissionalização, enquanto aspecto quantitativo está garantida pelo processo de formação pelo qual o grupo (ADI) passou e também garantida pelo ingresso de professoras (PDI) já com a formação necessária. Ocorre, porém, que nesses dois grupos distintos e interligados, o discurso ainda se encontra centrado em uma perspectiva não-protagonista do processo, inexistindo, portanto, pressupostos de profissionalidade. Portanto, as ações em políticas públicas para o setor precisam estabelecer estratégias que oportunizem a desconstrução de convicções que estão arraigadas no cenário anterior do qual faziam parte e que em grande medida dificultam a construção da profissionalidade e a efetiva profissionalização do docente que se ocupa com a educação da criança pequena. Garantir espaços de formação continuada, bem como cursos superiores de formação de

professores que respeitem e contemplem as especificidades da faixa etária sem recorrerem ao “arranjo” ou adequação dos conteúdos e estratégias metodológicas para a educação infantil de zero a três anos é subsidiar as professoras para que tenham condições de lançar mão dos conhecimentos adquiridos nos processos de formação pelo qual passaram e aliar a eles saberes que delimitem a especificidade da atuação neste campo profissional e os diferenciem do atendimento doméstico e escolar. A efetivação de políticas públicas que viabilizem essa dimensão profissional da atuação docente em creches estabelece um divisor de águas e proporciona a construção tanto social quanto profissional da criança pequena, enquanto sujeito de direito a educação e do professor que atua neste setor como profissional do magistério caracterizada por uma esfera diferenciada, específica, peculiar, que, embora se assemelhe ao atendimento oferecido no âmbito doméstico se dá em esfera pública, apresentando pressupostos educacionais apontados na Lei como sendo parte constitutiva da educação básica brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977; BRASIL,

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394/96, Brasília, 1996.

CERISARA, Ana Beatriz. **Professoras de educação infantil: entre o feminino e o profissional**. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 98);

FORMOSINHO, Júlia Oliveira. O Desenvolvimento profissional das educadoras de infância: entre saberes e os afetos, entre a sala e o mundo. In Machado, Maria Lúcia de A (org). **Encontros e Desencontros em Educação Infantil** – 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 2005;

LUDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. **Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes**. Educ. Soc. v.25 n.89 Campinas set./dez. 2004;;

TRIVIÑOS. **A Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. – São Paulo. Atlas, 1987.